

REPRESENTAÇÕES NACIONALISTAS NA ESCOLA PÚBLICA EM ARAGUARI, MINAS
GERAIS (1928 –1945)

Nationalist representations in the public school in Araguari, Minas Gerais (1928-1945)

Geraldo Inácio Filho¹

Marcelo José da Silva (*in memoriam*)²

RESUMO

O Grupo Escolar de Araguari, foi a primeira escola criada na cidade. Este acontecimento foi fator determinante de nosso interesse em investigar seu passado. O ano de 1928 foi decisivo para a história do Grupo Escolar Raul Soares, pois, naquele ano, inaugurou-se o novo prédio e implantou-se o ensino religioso nessa instituição. O ano de 1945 representa o fim do Estado Novo. Na nossa pesquisa empírica entrevistamos alunos, professores e diretores do Grupo Escolar Raul Soares que atuaram na escola no período mencionado, acrescido da leitura de jornais de época e outros documentos escritos. Mas, nosso foco é História das Instituições e representações coletivas segundo a concepção de Roger Chartier e a micro história de Giovanni Levi. Discorreremos sobre como foi construída a representação de nacionalismo na Escola Raul Soares e a vinculação com Estado Novo getulista.

Palavras-chave: Representações, Instituição escolar, Araguari

ABSTRACT

The School Group in Araguari was the first school created in the city. This was the determining factor for our interest in investigating its past. The year 1928 was decisive for the history of the Raul Soares School Group because, in that year, the new building was inaugurated and religious education began in that institution. The year 1945 represents the end of the *Estado Novo* (New State). In our empirical research, we interviewed students, teachers, and administrators of the Raul Soares School Group who were active in the school in the period mentioned, along with reading newspapers from that time and other written documents. However, our focus is History of Institutions and collective representations according to the conception of Roger Chartier and the micro history of Giovanni Levi. We discuss how the representation of nationalism was built up in the Raul Soares School, and its connection with the New State of Getulio Vargas.

Keywords: Representations, School institution, Araguari

A primeira escola criada, em Araguari, no período republicano, foi o “Grupo Escolar de Araguari”, mais tarde Raul Soares (07 de novembro de 1908). Este acontecimento foi fator determinante de nosso interesse em investigar seu passado. Para tanto resolvemos

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio de pós-doutorado concluído na Universidade de Lisboa. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de Uberlândia. E-mail: geraldoinacio@terra.com.br.

² Foi aluno do Curso de História da UFU e bolsista de Iniciação científica pela FAPEMIG.

estabelecer o recorte temático e temporal do objeto - a representação do nacionalismo no Grupo Escolar Raul Soares³ - entre os anos de 1928 a 1945. A primeira data, por ser decisiva para a história do Grupo Escolar Raul Soares, pois naquele ano inaugurou-se o novo prédio e implantou-se o ensino religioso nessa instituição. O ano de 1945, por representar o fim do Estado Novo. Estudar as Instituições Escolares no Triângulo Mineiro, significa recuperar uma História que estava ameaçada, dando voz aos agentes nela envolvidos direta ou indiretamente.

A historiografia educacional contemporânea interessa-se por novos campos de pesquisa até então ignorados pela Historiografia Educacional Tradicional. Neste sentido, têm surgido novas tendências e práticas historiográficas variadas, entre elas a História das Instituições Escolares preocupada em estudar os processos históricos que as diferentes instituições escolares experimentaram, procurando apreender os seus aspectos singulares e específicos. Ao ancorar nossa pesquisa dentro da perspectiva da História das Instituições Educativas, pretendemos oferecer uma interpretação histórica fundamentada em uma tendência de pesquisa que privilegia a micro história.

Entendendo a micro história como uma prática historiográfica, Giovanni Levi define-a como uma prática essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Estas, então, são as questões e posições comuns que caracterizam a micro história: a redução da escala, o debate sobre a racionalidade, a pequena indicação como um paradigma científico, o papel do particular (não, entretanto, em oposição ao social), a atenção à capacidade receptiva e à narrativa, uma definição específica do contexto e a rejeição do relativismo (LEVI, 1992, pp. 136-159).

Entendemos por representação nacionalista um conjunto de práticas e discursos com uma imagem sobre a Nação. Acreditamos que tal representação contribuiu para a aceitação e a manutenção do Estado burguês, naquele momento histórico ameaçado pela expansão das ideias socialistas. Essa representação substitui a nação real por uma ideia veiculada através da propaganda política e da disciplina no âmbito escolar, teve repercussões sobre os alunos e professores que vivenciaram aquele momento nas Escolas brasileiras, especialmente as públicas. Isso pode ser notado através de estudos dos textos utilizados nas escolas, na legislação do período e nos discursos das autoridades ou sobre as autoridades da república em todos os seus níveis.

As ideias socialistas no Brasil desenvolveram-se principalmente com a entrada de grande contingente de imigrantes, em especial os que provinham da Europa, nos fins do século XIX. Contudo, prosperaram principalmente nas duas primeiras décadas da República com a adesão de uma parte dos intelectuais brasileiros. As ideias socialistas cresceram em número de adeptos ameaçando a hegemonia burguesa.

O Estado era dirigido por uma oligarquia com vínculos no mundo rural. Tais dirigentes utilizaram-se da máquina governamental e das Instituições Cíveis e Políticas, para produzir um cidadão dócil e defensor dos novos valores. Três instituições cíveis merecem destaque na construção das representações nacionalista e do comunismo: a

³ Araguari é uma cidade com mais de 100.000 habitantes, localizada na Região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, Brasil.

Igreja, os meios de comunicação de massa⁴ e a Escola. Neste trabalho nos deteremos particularmente na escola Raul Soares, pois trata-se de um estudo de História de Instituição Escolar. A escola foi utilizada por Vargas na divulgação de conceitos e práticas que visavam inculcar uma ideologia sobre a nação. Práticas e discursos completaram as estratégias para alcançar o objetivo de “moldar” o educando, possibilitando uma melhor aceitação das imagens e ideias veiculadas pelo Estado. Tais conceitos, práticas e ideologia receberam contribuição da representação de nação veiculada pelas referidas instituições.

Getúlio Vargas era, sem sombra de dúvidas, uma liderança carismática que prometia justiça social e desenvolvimento ao país. Sobre a imagem de um país rico que precisava desenvolver-se para que todos os brasileiros pudessem usufruir de suas riquezas, ele, ao mesmo tempo que consolidava uma série de leis trabalhistas, resultantes das conquistas políticas, principalmente da esquerda, financiava, através do Estado as indústrias de base que favoreceram a emergente burguesa industrial. Desta forma, os discursos de Getúlio Vargas, aliados aos seus empreendimentos, possibilitaram o surgimento da representação de um país que estava em desenvolvimento, apontando ali o caminho “certo” para a nação, justificando a própria ditadura.

Queremos com este estudo mostrar que as representações nacionalistas no Estado Novo foram construídas como resultado da veiculação ideológica cujo objetivo era inibir qualquer manifestação ou proliferação de ideias contrárias ao Estado burguês na escola, em especial as ideias Socialistas, que naquele momento histórico, constituíam numa ameaça às ideias hegemônicas. Acreditamos que as técnicas disciplinares praticadas na escola, aliadas à moral cristã contribuíram para uma melhor aceitação das medidas autoritárias adotadas pelo Estado em relação à escola. Pretendemos ainda contribuir para uma melhor compreensão do Ensino Público em suas múltiplas facetas nessa região.

Na nossa pesquisa empírica entrevistamos alunos, professores e diretores do “Grupo Escolar Raul Soares”, que atuaram na escola no período mencionado, o que, acrescido da leitura de jornais de época e outros documentos escritos possibilitou-nos, mediado pelo aparato teórico de que dispomos, responder à seguinte problemática: “quais as representações do nacionalismo que podemos apreender no Cotidiano Escolar do Grupo Escolar Raul Soares entre os anos de 1928 e 1945”?

Com relação ao ensino primário, podemos observar a preocupação dos políticos locais, quando, na 3ª reunião ordinária da Câmara municipal da “Villa de Brejo Alegre”, ocorrida em 18 de março de 1885. Foi lido um ofício, sob proposta do presidente da câmara, ao Inspetor Geral de Instrução pública pedindo-lhe para por em concurso a cadeira de instrução primária daquela vila (NAVES e RIOS, 1988, p. 101). A situação do ensino em Araguari nos fins do século XIX é a seguinte:

Segundo consta no ofício do Cel. Olímpio F. dos Santos (1898 a 1900), dirigido ao Secretário do Interior (Wenceslau Bráz), foram criadas por esta municipalidade 12 escolas; sendo urbanas: uma de cada sexo; 2 distritais do sexo masculino e 2 do sexo feminino; 6 rurais do sexo masculino[...], foi criado na sede do município

⁴ Apesar de os meios de comunicação de massa terem sido amplamente utilizados por Getúlio Vargas como propaganda política e como meio de persuasão, os jornais da época estão sendo estudados por um grupo de docentes e discentes da UFU. Dessa maneira, trataremos da Imprensa apenas quando a situação o exigir, pois não será objeto de estudo neste trabalho.

um externato secundário composto de 4 cadeiras: português, francês, inglês e latim, regidas por 2 professores [...] (NAVES e RIOS, 1988, p. 101).

Em fevereiro de 1900, foi criada a cadeira de 2º grau (para o sexo feminino), regida por Camila Maria da Conceição. Todavia, nos primeiros anos da República não houve criação de escola alguma em Araguari. Muitos professores ministravam aulas em suas residências e até mesmo nas dos seus alunos (NAVES e RIOS, 1988, p. 101).

O Grupo Escolar de Araguari - 1908 a 1927

O primeiro nome da E.E. Raul Soares foi simplesmente “Grupo Escolar” e foi através do decreto n.º 7.968, de 15 de outubro de 1927 que o Grupo Escolar recebeu a denominação especial de “Raul Soares”. Com a nova nomenclatura das Escolas Estaduais, ele passou a denominar E.E. Raul Soares.

Nos primeiros anos da República, o ensino público era cada vez mais discutido entre as elites locais e mesmo estaduais por acreditarem que a educação constituir-se-ia num importante fator para o desenvolvimento de uma nação. Nesse sentido, o Governo do Estado de Minas Gerais, através do Decreto n.º 1960/1906, autorizava criar instituições públicas de ensino em cidades que comprovassem poder matricular, no mínimo quarenta e cinco crianças no primeiro ano de funcionamento e, para os distritos, o número mínimo de quarenta. Uma das exigências do Governo da Província é que seus habitantes oferecessem, entre seus prédios públicos, um edifício para a instalação de uma escola para os dois sexos.

Em Araguari a notícia sobre esse novo decreto logo chegou e, em uma época onde os políticos locais mostravam-se preocupados com o desenvolvimento do município, imediatamente começaram os estudos no sentido de viabilizar o primeiro grupo escolar na cidade. Em uma reunião na Câmara Municipal, no dia 23 de maio de 1907, os vereadores resolveram procurar um prédio adequado para abrigar as instalações da nova escola, pois através dessa cessão acreditavam que pudessem acelerar os despachos do governo mineiro. E foi no dia 20 de Agosto do mesmo ano que o referido órgão Municipal, através de um projeto de lei doou ao Estado um prédio para a instalação do grupo escolar, cujas atividades iniciaram-se no dia 17 de abril de 1909, ou seja, cinco meses após a sua criação. Entretanto, ele continuou funcionando em condições precárias até 1928 quando foram transferidas as suas atividades para novo prédio. Vejamos o depoimento de uma das ex-diretoras da escola:

O Grupo Raul Soares, a princípio, era uma escola onde predominavam alunos de baixa renda. Até que um dia, um Juiz de Direito recém-chegado de Belo Horizonte, me procurou e disse: - Quero matricular o meu filho aqui. - Então eu lhe respondi: - O senhor quer matricular o seu filho aqui? E ele respondeu que sim. A partir daí, outras famílias ricas matricularam os seus filhos no Grupo. Até hoje, muitas famílias importantes mantêm os seus filhos lá. E então, o público que o Grupo passou a atender ficou bastante variado.⁵

⁵ Entrevista concedida pela ex-diretora Maria de Lima Alessi. As entrevistas utilizadas como fonte para a pesquisa estão disponibilizadas no Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação UFU.

Consta que o “Grupo Escolar” de Araguari teve as suas atividades iniciadas com a matrícula de 400 crianças no curso primário, número bem maior do que o exigido pelo decreto n. 1960/1906. Durante muitos anos o Grupo Escolar Raul Soares foi a única escola pública mantida pelo Estado em Araguari. Em sua clientela predominavam crianças das classes sociais menos favorecidas. Nos anos 1970, passou a ser ministrado o ensino do primeiro grau, hoje ensino fundamental (de 8 e posteriormente de 9 séries), e atualmente funciona naquela escola também o ensino médio. A primeira turma, diplomou-se em 1911.

Representações coletivas do nacionalismo na escola

Para Roger Chartier “a palavra ‘representação’ atesta duas famílias de sentidos aparentemente contraditórios: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro lado, é a apresentação pública de uma coisa ou pessoa” (CHARTIER, 1991, pp. 171-191). O que denominamos representações coletivas são imagens institucionalizadas pelas quais uma dada comunidade percebe alguma coisa ou pessoa.

Sabemos que a sociedade é constituída por diferentes classes sociais e que as representações construídas por essas não são homogêneas e podem ser até mesmo antagônicas; no entanto, na sociedade capitalista a hegemonia da classe burguesa pressupõe a construção de um discurso onde as ideias e os anseios da classe dominante pretendem-se universais.

Apropriando-se dos discursos baseados na racionalidade e legitimado pelo Estado burguês, os aparelhos ideológicos do Estado propiciam a construção de representações que podem ser as bases para a legitimação da dominação burguesa. Tais representações quase sempre assumem o estatuto de verdadeiras, forjando, dessa forma, uma dada realidade. Então o que deveria ser uma representação (no sentido de apresentar ou substituir o real) torna-se no discurso o real.

As representações são construídas, mas também reformuladas no processo produção-consumo. Ao criar uma representação o produtor formula um conjunto de imagens sobre uma determinada coisa ou pessoa. No entanto, essa imagem é (re) interpretada de acordo com a sensibilidade do consumidor. Vale a pena lembrar que os sentidos são construídos culturalmente, isto implica afirmar que o processo de apropriação da representação pelo consumidor também é um processo histórico-social.

Assim, as representações são dinâmicas e variam de acordo com a sensibilidade do seu consumidor que é determinada pela sociedade onde está inserido. Isto não significa afirmar que todos os indivíduos de uma mesma sociedade identificar-se-ão com as representações de algo, mas que através de um discurso competente é possível sensibilizar com maior eficácia uma determinada representação. Para que exista uma representação social é necessário que haja um objeto a ser representado, um produtor da representação, que pode ser um indivíduo ou mesmo um determinado grupo de indivíduos; e um consumidor das representações, que pode ser um grupo pequeno de uma dada sociedade ou mesmo toda uma sociedade. Outra condição para a existência e a manutenção das representações é o poder de convencimento que as imagens e os discursos produzidos exercem sobre um determinado objeto ou coisa. A representação não se confunde com ideologia.

Representação do nacionalismo na escola

Podemos analisar o significado da escola na sociedade capitalista, através de diversas abordagens. Aqui analisaremos sob o ponto de vista da representação. Chartier (1991, p. 187), ao analisar as formas de teatralização da vida social no Antigo Regime, diz que as coisas ali representadas não têm existência própria a não ser na imagem do que exhibe, e que “a representação mascara ao invés de pintar adequadamente o que é seu referente”. Por exemplo, a escola na sociedade capitalista tornou-se um palco para diversos tipos de representação, onde, ao reproduzir os valores da burguesia, contribuiu para mascarar uma sociedade antagônica como se fosse uma sociedade harmoniosa.

Uma representação construída durante o Estado Novo e que foi bastante difundida na escola é a ideia de nação, enquanto representação social, conceito construído historicamente por determinada classe, que pretendia falar por toda a sociedade e, através de valores assumidos por ela, classe hegemônica (produtora desta representação) criava imagens para os grupos consumidores: as classes subalternas. Para a aceitação desta representação, enquanto realidade, criava-se um conjunto de ideias e práticas no sentido de convencer grupos divergentes que tal representação era uma realidade. No discurso o que era uma representação é explicitado como o real.

As ideias e práticas visando legitimar o conceito de nação, contribuindo para a dominação burguesa, são chamadas de nacionalismo. As primeiras manifestações nacionalistas, de maneira sistematizada e influenciadora no campo educacional aparecem nos anos 1920, através de uma divulgação expressiva nos livros didáticos com conteúdos que ressaltavam o patriotismo nas aulas de moral e civismo. Essas obras pretendiam oferecer à criança e ao adolescente uma imagem sentimentalista do País.

Outra orientação de cunho nacionalista é a que girava em torno da *Revista Brasileira*. Podemos destacar nesta orientação alguns pontos que se contrapõem às orientações nacionalistas anteriores como: manter a religião católica, libertar o meio intelectual da ficção dos valores portugueses, nacionalizar o comércio e a imprensa lusitanos, valorizar o mestiço; além desses, critica a hegemonia paulista e luta pela defesa da civilização agrária. O grupo desta orientação fundou a *Propaganda Nativista*. Em 1920, foi fundada a Ação Social Nacionalista, que tinha como principais preocupações a emancipação do Brasil dos valores estrangeiros, a valorização de tudo o que fosse brasileiro, a propaganda do civismo e a congregação de todos os brasileiros natos.

As informações supracitadas permitem-nos observar a forma como se organizaram as ideias em torno do Nacionalismo, formando todo um arcabouço que deu sustentação a essa Representação. As representações do nacionalismo vão mudando de acordo com as instituições que vão surgindo e dela se utilizando, adaptando-as aos propósitos dos grupos dirigentes.

As representações nacionalistas no grupo escolar Raul Soares

Com o advento da república (1889), houve uma separação entre o Estado e a Igreja, o que foi oficializado por decreto em janeiro de 1890 e confirmado na constituição de 1891.

Nessa mesma constituição foi introduzido o ensino leigo nas escolas públicas. A Igreja, a princípio, aceitou o novo regime, por permitir maior liberdade para a reestruturação dos seus quadros e estreitar as suas relações com Roma: Se a república foi aceita, o mesmo não aconteceu com o clima laicista do qual a mesma foi proclamada (CURY, 1978, p. 14).

A partir de então ocorreu um embate político-ideológico, no campo educacional, entre a Igreja e os defensores do liberalismo do Estado. No âmbito nacional, a defesa da Igreja Católica para a implementação do ensino religioso na escola dava-se com o argumento que a maioria dos brasileiros eram católicos e, portanto, o Brasil seria uma nação Católica, ao passo que o Estado era leigo.

Foi principalmente através do Centro Dom Vital que a Igreja Católica lançou a sua campanha no sentido de incluir nas reformas constitucionais, garantidas pelo Governo de Artur Bernardes, o ensino religioso nas escolas públicas “apesar da campanha desencadeada nas páginas de A Ordem e do apoio de alguns deputados, entre os quais Francisco Campos, as emendas católicas sofreram oposição do Presidente Bernardes e foram rejeitadas” (BAÍÁ HORTA, 1994, p. 95).

No entanto, tais campanhas não deixaram de ter as suas vitórias parciais. No Estado de Minas Gerais, o governador Antônio Carlos autorizou a introdução do ensino religioso no horário escolar de todas as escolas dependentes do Governo do Estado; convertendo essa autorização em lei, em outubro de 1929.

Nessa época foi introduzido o ensino religioso no Grupo Escolar Raul Soares. Vejamos o depoimento de uma ex-aluna que estudou no mesmo entre os anos de 1927 a 1929:

Uma das coisas importantes que lembro do meu tempo de estudante no Grupo Escolar Raul Soares, foi a implantação do ensino religioso. O Bispo de Uberaba implantou e o mesmo foi ministrado pelo Padre Elói. Lá eram rezadas missas e muitas crianças fizeram ali a sua primeira comunhão.

Se nos anos 1920, a principal bandeira de luta defendida pela Igreja Católica foi em prol do ensino religioso nas escolas públicas, nos anos 1930 ela se concentrará no combate ao avanço das ideias comunistas:

[...] na medida em que o Estado laico se aproxima do fim, o aprofundamento da questão social, o crescimento e a radicalização da pequena burguesia e do operariado farão com que o comunismo apareça no horizonte da Igreja como o novo adversário (BAÍÁ HORTA, 1994, p. 96).

Ao assumir o ensino religioso no Grupo Escolar Raul Soares, a Igreja assumiu também a formação moral dos educandos. Os valores morais seriam assimilados por eles através de ideias e imagens que criavam uma representação das instituições.

Uma das instituições a merecer a atenção da Igreja foi a família ou melhor a família cristã, cujas características principais são: a predominância da autoridade paterna e da divisão das funções entre pai e mãe; a subordinação da família aos preceitos da Igreja e o reconhecimento desta como representante de Deus.

A Igreja, ao colocar-se como detentora da verdade e representante de Deus na terra, procurava inculcar valores que contribuíssem para consolidar um particular processo de organização da sociedade. O primeiro compromisso que o pai tem com a Igreja é o batismo do filho recém-nascido, pois este representa um compromisso da criança com a Igreja, cabendo à família a tarefa de “instruir” a criança dentro da doutrina cristã. É na família que a criança assimila a aceitação da autoridade, o temor a Deus (e por consequência à Igreja). O respeito pelo sagrado é cultuado e ensinado já nos primeiros anos de vida. É na família que a criança apreende as primeiras noções dos valores cristãos que mais tarde seriam reforçadas pela escola.

Os pais, depois de consolidar sua autoridade, passam a instruir os filhos a acatar as determinações provindas de outras autoridades (pessoas mais velhas, professores, padres, e autoridade política), iniciando dessa forma um processo regulamentador que será a base para a aceitação das representações coletivas na escola e, por extensão, na própria sociedade.

O interesse da Igreja pela Educação no Brasil é antigo e pode ser notado desde a época de seu descobrimento. Mas, foi a partir dos anos de 1930 que a Igreja assumiu uma posição ao lado do Estado visando criar representações contra outras formas de governo que poderiam aflorar no Brasil.

Para eles (Estado e Igreja), o ensino religioso era fundamental para a recuperação de valores que haviam se perdido. Esses valores seriam: a religião, a pátria e a família. Foi principalmente através desses argumentos que Francisco Campos convenceu Getúlio Vargas a acatar as reivindicações dos católicos em troca do apoio deles a seu governo. Tais valores serviam de bandeira para vários sistemas políticos totalitários da época, e foram sempre invocados nos discursos anticomunistas, principalmente a partir de novembro de 1935 (BAÍA HORTA, 1994, p. 107).

Getúlio Vargas defendeu, a partir de 1935, ideia de que esses valores eram uma tarefa urgente a ser realizada pelo governo no sentido de garantir a ordem e a estabilidade das instituições e insistia na necessidade de ‘recompor e estruturar solidamente os princípios básicos da nacionalidade’ (BAÍA HORTA, 1994, p. 107).

Verificamos, que no Grupo Escolar Raul Soares, os valores acima mencionados já eram cultuados, principalmente a partir da implantação do ensino religioso naquela Escola. Dessa forma, podemos observar, nos depoimentos, que os valores cristãos: família, pátria e religião, veiculados pela Igreja e pelo Estado e apropriados na escola pelos alunos, foram responsáveis pela frutificação da representação sobre a nação e sobre o comunismo.

Confunde, desta forma, o conceito de nação enquanto unidade do povo brasileiro, com um conceito de nação cristã, criando, mecanismos e imagens, que revelam ao educando uma nação onde todos são livres mas deve-se respeitar a religião, a família e o Estado burguês, como a única possibilidade do país desenvolver-se, criando riquezas e por conseguinte melhorando as condições de vida do povo.

Ao lado dessa representação da nação cria-se uma representação do comunismo em oposição ao nacional. Desta maneira, a partir dos anos de 1930 o comunismo seria tratado pela Igreja como uma doutrina que ameaçaria a Família Cristã e o Estado (representado por Vargas). Utilizando-se dos referidos valores a Igreja concluirá que o comunismo é, antes de tudo, antinacional.

Na Escola aqui pesquisada os valores da religião eram reforçados, não apenas pelo ensino religioso, como também por missas, cerimônias de primeira comunhão e também através das orações feitas diariamente na entrada das aulas e no retorno dos recreios.

A educação moral e cívica no Grupo Escolar Raul Soares

Uma ex-aluna que estudou no Grupo Escolar Raul Soares, no final dos anos 1920 relatou que não havia uma disciplina específica com o nome de Civilidade, mas as noções de pátria, nação, estudo sobre os símbolos nacionais eram ministradas nas aulas de Geografia e História do Brasil. Pois, a instrução moral e cívica foi introduzida nos cursos primários somente após a Reforma de Rocha Vaz (1925), a partir da exigência de sua inserção nos programas de admissão ao curso secundário. Vejamos, o depoimento de uma ex-diretora do Grupo Escolar Raul Soares:

Ah! Essa matéria (civilidade) era interessante. Ensinávamos aos alunos bons modos, bons costumes [...] Por exemplo, ensinávamos aos alunos a se portar na mesa, a maneira correta de se sentar, de se andar, as posturas [...] Eu acho que essa matéria é imprescindível hoje em dia. Sinto que a educação perdeu muito quando deixou de ministrar essa matéria.

Segundo esse depoimento, no Grupo Escolar Raul Soares, existia uma disciplina que se chamava civilidade, onde os alunos aprendiam noções e valores morais em voga naquela sociedade. Assim, ensinavam aos alunos regras sociais, noções de etiqueta, imbuindo no educando um comportamento esperado pela sociedade.

Com relação ao ensino primário, em Minas Gerais, Francisco Campos (1931), antecedendo o que veio acontecer em nível nacional, substituiu o ensino moral pelo ensino religioso:

Quanto à educação cívica, Campos acreditava que a escola poderia realizá-la ‘imitando o jogo dos processos sociais, ou antes, adotando-o na vida escolar, pela organização de associações infantis destinadas a fornecer ao instinto social da criança formas claras e quadros regulares, cujas linhas solicitem, orientem e disciplinem e exercício das atividades sociais (BAÍA HORTA, 1994, p. 140).

Percebemos que no Grupo Escolar, o ensino moral, no período aqui analisado, estava intimamente ligado ao ensino religioso. Vejamos um depoimento de outro ex-aluno daquela época:

Ah! O que aprendíamos era em primeiro lugar o respeito. Sim o respeito. O respeito a Deus, aos nossos pais, às nossas professoras, que eram como se fossem uma segunda mãe para nós. O respeito à pátria [...]

Mas afinal, o que é o respeito que em tantos depoimentos aparece como algo perdido pelas novas gerações? O respeito é acima de tudo um valor religioso. O que é sagrado é sempre digno de respeito. Assim os pais, as professoras, os mais velhos, as autoridades eclesiásticas e políticas, a pátria, etc. eram considerados pelo educando como

algo que deveria ser aceito sem questionamento. Desse modo, bem antes da escola, a criança era preparada para se adequar às imposições sociais veiculadas pela escola e esta reforçaria os valores morais adquiridos na família.

A educação cívica era ministrada no Grupo Escolar através de práticas que cultuavam o presidente da república como representante da nação (do povo). Eram veiculados determinados valores com objetivo de gerar uma determinada imagem sobre a nação brasileira.

Desta forma, em História do Brasil cultuavam os “grandes heróis” e as datas nacionais. Em Geografia do Brasil, ensinavam não somente a decorar as capitais dos Estados brasileiros, como também a inculcar no aluno a imagem de um país rico, que precisava desenvolver-se através do trabalho cabendo a cada brasileiro a sua parcela de contribuição. Em Língua Pátria ensinavam não somente a escrita e a leitura, como a produzir textos cujos temas eram a nação, a pátria, o meu país, etc. Através dessas práticas variadas os alunos introjetavam as referidas ideias e imagens de nação.

Vejamos depoimento de ex-professora acerca das comemorações nacionais:

Para comemorar datas, quando não havia desfile, havia concentração no pátio, inclusive para os auditórios, com números de cantos, declamações e peças teatrais, escritas pelas professoras. O diretor discursava e eram convidadas autoridades para se pronunciarem a respeito (Botija Parda, 15/10/1989).

Nos desfiles a disciplina era rigorosa. Não somente o sentimento de amor à pátria estava ali representado como também o Grupo expunha-se à comunidade em geral, tornava-se necessário representar os valores cultuados na escola.

O canto orfeônico era outro instrumento amplamente praticado na Escola e visava rememorar ao educando imagens sobre a pátria, contribuindo para consolidar uma série de práticas e representações. Vejamos o depoimento de uma ex-aluna

[...] Eu me lembro que aprendíamos vários hinos, e eu como já havia estudado piano em casa e tinha noção de música, eu ensinava aos outros alunos os hinos. Eu gostava muito de auxiliar as minhas professoras nas aulas de canto orfeônico.

A imprensa e o rádio constituíam os principais meios de comunicação de massa na época. Nesse sentido, as ideias e as determinações do Estado eram amplamente divulgadas na imprensa local. Através de textos publicados poderemos traçar algumas características da representação do nacionalismo na Escola por nós estudada.

Nesse sentido, o controle aos conteúdos ministrados na sala de aula constituiu uma das preocupações básicas do Governo em relação às escolas. Vejamos o segundo artigo do decreto-lei n.º 168, de 04 de Janeiro de 1937 “Art. 2º - Dentro do Horário Escolar, não será ministrado o ensino de disciplinas estranhas aos programas de ensino primário em vigor” (Gazeta do Triângulo, 29/01/1930, p. 05).

Naquele momento, quando estava prestes a acontecer o golpe que decretaria o Estado Novo, Vargas intensificava o controle sobre as escolas, no intuito de evitar que ideias contrárias ao seu projeto de governo fossem divulgadas. Dessa forma, aos

professores cabia aplicar os conteúdos provindos do Estado ou que passaram pela sua censura. O combate ao comunismo constituiu uma preocupação para o Estado amplamente divulgada nos meios de comunicação. Segue-se uma ilustração:

Minas intensifica a sua obra de preservação social.

Comissão para saneamento moral nas escolas, nos rádios e nos livros.

No sentido de completar o conjunto de providencias e de medidas destinadas a sistematizar o combate ao comunismo, desenvolvendo uma campanha coordenada e tenaz que infunda um nacionalismo sadio e forme uma consciência moral mais atenta aos perigos da ideologia vermelha, o governador Benedicto Valladares expediu a 22 do corrente, dois decretos de um alcance decisivo para a obra de preservação social [...] Esses decretos são: “o primeiro visa dar maior eficiência ao ensino cívico e ao combate anticomunista. É o seguinte:

‘Decreto n.º 1007- nomear uma comissão para formular sugestões no sentido de maior eficiência do ensino cívico e do combate ao comunismo em todas as escolas do Estado de Minas Gerais’ [...] O segundo decreto destina-se a orientar a campanha anticomunista, por todos os meios de divulgação, tendo o seguinte teor:

‘Decreto n.º 1008 – nomeia uma comissão para orientar a propaganda anticomunista, por meio de jornais, revistas e radiodifusão, e fazer a censura a todas as obras, de caracter didático, técnico, político, social que de forma direta ou indireta propagar ideias comunistas (Gazeta do Triângulo, 03/10/1937, p. 3).

Podemos observar grande preocupação das elites e do governo com relação ao avanço das ideias socialistas nas escolas, reagindo com controle rigoroso através de uma legislação que representava um acordo entre as elites brasileiras e o governo do Estado Novo. Outra forma de divulgação das representações nacionalistas na escola, foi a criação, manutenção e difusão de jornais infantis:

O Serviço de Divulgação da Polícia do Rio, desejando intensificar ainda mais a campanha de combate ao extremismo e conseguinte preservação dos princípios básicos do Estado Novo, vai criar uma ‘Rede de Jornais Infantis’ (Gazeta do Triângulo, 22/05/1938).

Na Instituição em estudo existiu na época um jornalzinho, onde eram divulgadas redações dos alunos, resultados de provas, propaganda sobre livrarias e outros, edital sobre a Escola e agradecimentos. Ele era mimeografado e foi fundado em 1935, vejamos o editorial da edição de 19 de maio de 1937:

Fundamos a Gavetinha Escolar em 1935. Devido as dificuldades financeiras do Grupo, nosso jornalzinho não pode sair no começo deste ano.

Agora com alguns sacrifícios resolvemos continuar a tirar o jornalzinho, porque ele é o porta-voz da vida escolar das crianças do Grupo Escolar “Raul Soares”. Ele publica as notícias das nossas excursões, festas e resultados dos nossos estudos escolares (Zilá Fracon, 4º ano “A”).

Esse jornal era produzido pelos alunos e veiculado na escola e na comunidade local, expressa as suas ideias com relação aos valores morais e patrióticos desenvolvidos e cultuados na escola; a preocupação em divulgar os heróis nacionais; com o meio ambiente e disseminar valores como coragem, trabalho, solidariedade, recompensa, harmonia etc. Esses valores construía imagens sobre a sociedade e sobre a escola como locais sem conflitos, harmoniosos onde cada um faz a sua parte para o benefício de todos. Desta forma, a luta de classes, por ser indesejada pelo regime, era vista como contrária aos interesses nacionais, devendo ser cultuada uma representação de sociedade nacional ordeira, pacífica, cristã, reforçada pelas escolas e outras instituições da sociedade civil.

Considerações Finais

Como foi mostrado as representações construídas pelo Estado Novo em torno da nação e do comunismo foram amplamente divulgadas na Escola aqui analisada. A escola era e ainda é, um locus privilegiado para a formação moral e intelectual do indivíduo.

Ainda que o “Grupo Escolar Raul Soares” não atendesse a todas as crianças, pois isso era impossível, devido à falta de estrutura do mesmo, ele era, naquele momento, o único estabelecimento de ensino onde as crianças de classes menos favorecidas podiam estudar. É verdade que o município tentaria suprir essas necessidades criando várias escolas municipais, mas segundo depoimentos, as escolas municipais eram, na maioria, rurais ou distritais.

A escola tornou-se palco de diversas representações que visavam moldar a criança para a formação do novo cidadão, sobretudo depois que Igreja e Estado se uniram para representar o comunismo como um valor anticristão e antinacional.

O Estado-Novo, considerado neste momento como a solução para o saneamento moral dos brasileiros e para as “ameaças” à pátria, encontrou na escola uma instituição capaz de divulgar com êxito o seu projeto. No Raul Soares, durante o Estado-Novo, havia um verdadeiro culto a Getúlio Vargas, principal protagonista do Estado.

Segundo depoimentos de ex-alunos e ex-professores, no grupo comemorava-se o aniversário de Vargas como uma data cívica. Desta forma, a Escola, principalmente através dos discursos elaborados pelas professoras, contribuía para a construção de um mito em torno da imagem de Vargas.

Todas as práticas e os discursos descritos visavam criar representações sentimentalistas sobre a nação, onde os valores da burguesia eram apropriados como se correspondessem aos valores de todo o povo brasileiro, enquanto os valores contrários eram combatidos como incompatíveis com os interesses do povo brasileiro.

Essas representações, aliadas ao rígido controle disciplinar, possibilitavam representar um modelo de cidadão dócil e útil à classe burguesa, empenhado em construir um país em consonância com o modelo veiculado como de interesse nacional contribuindo, dessa forma, para a manutenção da hegemonia burguesa.

Referências

- BAIA HORTA, José Silvério. *O Hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. O mundo como representação. Trad. A. Daher e Z. Reis. *Estudos avançados*. São Paulo, vol. 5, n. 11, 1991, p. 173-191.
- CURY, Carlos R. Jamil. Ensino religioso e escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. *Educação em revista*. Belo Horizonte: UFMG, n. 17, 1985, p. 20-27.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GONÇALVES NETO, Wenceslau e outros. História e Memória Educacional: A construção de uma História das Instituições Educacionais Brasileiras. *Boletim CDHIS: Universidade Federal de Uberlândia*, 1996, p. 6.
- INÁCIO FILHO, Geraldo. *A monografia na universidade*. 3ed Campinas: Papirus, 2000.
- _____. *Ordens do dia e educação política: da construção à materialização da representação coletiva*. Campinas: UNICAMP (Tese de doutoramento), 1997.
- _____. The ‘Orders of the Day’ and the representation of the military by the High Command of the Brazilian Armed Forces. *History of Education & Children’s Literature*, vol VI, n. 1, [Itália] 2011, p. 383-406.
- _____ & MORAIS, Vera Cruz de O. Tudo Pela Pátria: história do Instituto Marden – o cotidiano escolar (1933-1945). In: SOUZA, Sauloéber T. & RIBEIRO, Betânia de O. L. (orgs). *Do Público ao Privado, do confessional ao laico: A História das Instituições Escolares na Ituiutaba do século XX*. Uberlândia: EdUFU, 2009. p. 153-175
- _____ & SILVA ROSSI, Michelle Pereira. Educação Feminina no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: a contribuição das congregações católicas. *História Caribe*, Vol. V, n. 14, [Colômbia] jan-jun 2009, p. 197-210.
- _____ & RAMOS, Lucélia Carlos. La maestra de disciplina en la cotidianidad del Colegio de Nuestra Señora de las Lágrimas (Uberlândia, Minas Gerais, 1932-1947). *Revista de El Colegio San Luis – Vetas*, [México] Ano 7, n. 20-21, maio-dez 2005, p. 95-115.
- _____ & CARVALHO, Luciana Beatriz de O. Bar de. As singularidades do Grupo Escolar Bueno Brandão no Processo de Construção da Modernidade (Uberabinha-MG, 1915-1929). In: ARAÚJO, José Carlos S.; RIBEIRO, Betânia de O. Laterza & SOUZA, Sauloéber Társio de (orgs). *Grupos Escolares na Modernidade Mineira: Triângulo e Alto Paranaíba*. Campinas: Alínea, 2012, p. 281-305.
- _____ & SILVA, Maria Aparecida da. Reformas Educacionais Durante a Primeira República no Brasil (1889-1930). In: SAVIANI, Dermeval (org). *Estado e Políticas Educacionais na História da Educação Brasileira*. Vitória: EdUFES, 2010, p. 217-250.

_____; OLIVEIRA, Antoniete C.; FREITAS de JESUS, Osvaldo. Educação como fator secundário em Sacramento entre o Império e a República. In: GONÇALVES NETO, Wenceslau & CARVALHO, Carlos Henrique de (orgs). *O Município e a Educação no Brasil: Minas Gerais na Primeira República*. Campinas: Alínea, 2012, p. 267-305.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus/Unicamp, 1986.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: EdUNESP, 1992.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira república*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar/MEC, 1974.

NAVES, M.C.F.M. e RIOS, G.M. *Araguari cem anos de dados e fatos*. Araguari: Prefeitura Municipal de Araguari, 1988.

VENANCIO, Renato P. A História e a Micro-história: uma entrevista com Carlo Ginzburg. *Revista de História*. Ouro Preto: EdUFOP, n. 1, 1990, p. 1-6.

WIRTH, J.ohn D. *O Fiel da Balança: Minas Gerais- na Federação Brasileira – 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Fontes primárias

ARAGUARI-MG. E. E. RAUL SOARES/ARQUIVO. Decreto n.º 2497-ato de criação-1908 (manuscrito).

ARAGUARI-MG. Arquivo Público. Pasta Raul Soares. Documentos diversos.

ARAGUARI –MG. Arquivo Público. Coleção: Jornal Gazeta do Triângulo,1937 a 1940.

ARAGUARI – MG. Arquivo Particular “Prof. Abdalla Mameri”. Pasta Raul Soares. Documentos Diversos.

ARAGUARI – MG. Arquivo Particular “Prof. Abdalla Mameri”. Coleção: Botija Parda, s/d.

*Recebido em agosto de 2013
Aprovado em novembro de 2013*